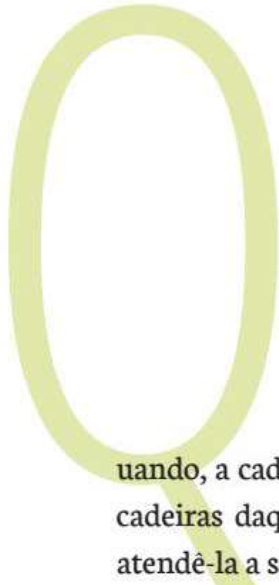


Raiz velha

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA



Quando, a cada dois meses, a velha senhora se sentava numa das cadeiras daquele salão, e a jovem cabeleireira, que costumava atendê-la a saudava, perguntando, em seguida, se deveria usar a mesma tintura cor de cobre, ela dizia, sim, e, à diferença das outras mulheres que ali tagarelavam, sobre os filhos, os vizinhos, as condições do tempo, ela se mantinha em silêncio – talvez porque, ao sentir a jovem cabeleireira tocando seus cabelos, a velha senhora, de olhos fechados, pudesse estar unicamente consigo, entregue a uma espécie de devaneio. Para a jovem cabeleireira, a velha senhora, senão na aparência, no modo como se movia, com visível esforço, lembrava a própria mãe, e, por isso, não a incitava a falar, apenas se punha a pintar os cabelos dela com leveza, quase como um carinho sorrateiro que, certamente, só ambas entendiam, mas evitavam comentar – o toque de suas mãos naqueles cabelos, um dia viçosos, por si já o dizia. E, sempre que começava o serviço, a jovem cabeleireira percebia que, se os cabelos da

velha senhora ainda exibiam, embora esmaecido, o tom de cobre, e ali ela estava para torná-lo, novamente, o mais escuro possível, em sua raiz, sobretudo no vinco que os repartia ao meio da cabeça, os fios brotavam, como touceiras, agressivamente brancos. E se a velha senhora permanecia calada, em sua cadeira, durante a sessão, a raiz de seus cabelos dizia – a jovem cabeleireira podia soletrar – que ela, agora, era uma mulher solitária, apesar de ter filhos e netos que a visitavam regularmente, e eles a amavam com o cuidado, a melancolia e a certeza de que não a teriam por longo tempo; a raiz dos cabelos da velha senhora dizia que ela tivera um homem, com ele vivera íntimos momentos, e que, recém-casados, haviam construído uma casinha na periferia da cidade, diante de uma reserva natural, em cujas árvores, às vezes, podiam ver saguis e micos saltitando, e, durante anos, ouviram a algazarra das araras, e, também, em noites de verão, arrastavam suas cadeiras para o quintal e ficavam a mirar as estrelas, a conversar baixinho, a fazer planos – planos que, naqueles dias, eram tão concretos, como os corpos dos dois quando se fundiam –; a raiz dos cabelos da velha senhora dizia que ela fora uma jovem de poucos amigos, não porque fosse avessa às afeições e às entregas, mas porque era tímida e os estranhos interpretavam seu silêncio como uma porta inteiriça, sem fechadura; a velha senhora, quando jovem, não fora feia nem bonita, ela encantara aquele que seria, tempos depois, o seu marido, o homem com quem aprenderia – e também ensinaria – a dar o mesmo peso às verdades e às mentiras, a não se angustiar com as nevascas da madrugada, nem se excitar com as manhãs de degelo; a raiz dos cabelos da velha senhora, na qual o efeito nocivo do tempo se impregnara, dizia que ela fora um menina de muitos sonhos, como as meninas de sua geração, e de todas as gerações que haviam caminhado sobre a superfície da terra e, hoje, seguiam transformadas em húmus abaixo dela, e, desses muitos sonhos, poucos haviam rompido a armadura quase inexpugnável da realidade, e, nem por isso, ela se ressentia de suas escolhas, nem por isso ela vivia quebrando

espelhos e incendiando, em dias tristes, suas frias lembranças; a raiz, alvíssima, dos cabelos da velha senhora, dizia que nascera de pais tão espantados quanto ela ante a impossibilidade de se explicar – e se entender – o mundo, dizia que ela, às vezes, era uma dor paralisante pela rua, às vezes, uma alegria em sua cadeira de balanço, dizia que ela, igual a qualquer ser vivo, quando de fato vivo, afligia-se e se exaltava com a iminência do perigo; a raiz dos cabelos da velha senhora dizia que ela, moça, usara brincos de argola, que lhe davam uma aura cigana, embora, ainda que portasse certa singularidade, ela era um lugar-comum, uma existência mínima, uma pedra (como todos nós) a deslizar pela avalanche; e, enquanto ela, a velha senhora, de olhos fechados, à mercê da jovem cabeleireira, nada dizia, a raiz branca de seus cabelos, rompendo o couro cabeludo, igual um risco de erva em solo árido, dizia que sua história era tudo o que lhe restara, e era a história de uma menina, nem forte nem frágil, uma menina que envelheceria dignamente, uma menina que só a raiz de seus cabelos podia revelar, e a raiz de seus cabelos dizia que ela, não raro, esquecia-se de que a vida ardia tanto, que a vida passara tão depressa, que ela, de olhos fechados, lembrava-se de tudo o que vivera, enquanto a jovem cabeleireira tocava com leveza os seus cabelos, ela sabia o que estava lhe acontecendo, por isso a jovem cabeleireira não exagerava na tintura, a jovem cabeleireira, lembrando da própria mãe, usava menos tinta do que o recomendado, a jovem cabeleireira assim agia para que a velha senhora não demorasse a voltar ao salão, para que a raiz (branca) de seus cabelos ficasse de novo à mostra, como uma ferida aberta – dessas que, diante de nós, espelham, silenciosamente, a proximidade do fim.